

## Michael Löwy: um intelectual utópico e romântico em tempos pós-modernos

RUI BRAGADO SOUSA\*

**Resumo:** Michael Löwy é reconhecido como um dos grandes intérpretes de Karl Marx, Max Weber e Walter Benjamin na atualidade. A partir da análise desses três ícones da sociologia e filosofia, Löwy desenvolve seu próprio método científico e epistemológico na sociologia do conhecimento. Trata-se de um autor pouco ortodoxo que busca a aproximação da sociologia da religião com o materialismo histórico. Este breve ensaio visa estabelecer uma síntese de suas principais obras e verificar alguns conceitos, como a afinidade eletiva, que interligam toda sua produção intelectual. A crítica que Löwy faz ao marxismo ortodoxo e ao positivismo meramente evolucionista é pertinente para pensar algumas das diretrizes das ciências humanas na pós-modernidade; entre a crença ilimitada no progresso técnico e científico e o niilismo da geração pós-moderna situa-se o pensamento de Michael Löwy. Ao relacionar temas aparentemente contraditórios e antitéticos, nosso autor questiona o próprio estatuto científico dos meios acadêmicos, sem cair na subjetividade que caracteriza o outro pólo da modernidade. O artigo não tem a pretensão de fazer uma leitura filológica de sua produção, o que seria trabalho para uma tese, mas apenas pensar alguns dilemas da sociologia do conhecimento a partir de um grande intelectual romântico e utópico por excelência.

**Palavras-chave:** Michael Löwy; Sociologia do conhecimento; Positivismo; Marxismo; Romantismo.

**Abstract:** Michael Löwy is recognized as one of the great interpreters of Karl Marx, Max Weber and Walter Benjamin today. From the analysis of these three icons of sociology and philosophy, Löwy develops its own scientific and epistemological method in the sociology of knowledge. This is an unorthodox author who seeks the approximation of the sociology of religion with historical materialism. This brief essay aims to establish a synthesis of his major works and check out some concepts, such as elective affinity, which interconnect all their intellectual production. The criticism that Löwy makes to orthodox Marxism and positivism merely evolutionary thinking is relevant to some of the guidelines of the humanities in postmodernity ; between the unlimited belief in scientific and technical progress and the nihilism of postmodern generation lies the thought of Michael Löwy . By linking seemingly contradictory and antithetical themes, our author questions the status scientific academia itself, without falling into the subjectivity that characterizes the other pole of modernity. The article does not claim to make a philological reading of his production, which would work for a thesis, but just think some dilemmas of sociology of knowledge from a great romantic and utopian intellectual par excellence.

**Key words:** Michael Löwy; Sociology of knowledge; Positivism; Marxism; Romanticism.



\* RUI BRAGADO SOUSA é Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)

“Pois o socialismo não é somente a questão operária ou a do quarto estado, mas [...] a questão da torre de Babel que foi precisamente construída sem Deus, não para atingir o céu a partir da terra, mas para trazer o céu até a terra” (Dostoiévsky, *Os Irmãos Karamazov*, apud Löwy, 1979, p. 93).



### **Introdução: o autor e a obra**

Michael Löwy nasceu em São Paulo em 1938, filho de imigrantes judeus de Viena. Estudou ciências sociais na Universidade de São Paulo (USP) até 1960 e participou do seminário de estudos sobre *O Capital*, de Marx. Na década de 1960 participou da organização da Polop, que viria a constituir-se num órgão de oposição à ditadura militar. Doutorou-se na Sorbonne, sob orientação de Lucien Goldmann, em 1964, com uma tese sobre a produção do jovem Karl Marx. Vive em Paris desde 1969, onde é diretor de pesquisas no CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*) e dirige cursos na *Ecole de Hautes Etudes em Sciences Sociales*.

Seu trabalho de pesquisa interdisciplinar, sua extensa produção literária e o engajamento com temas correlatos na sociologia o fazem ser reconhecido como um dos grandes intelectuais vivos da atualidade, na Europa e no Brasil. Sua linha de pesquisa é variada e bastante heterodoxa, mas há um ponto em comum que permite estabelecer características singulares mesmo em obras diversificadas: a sociologia do conhecimento, a crítica ao positivismo e uma visão coerente e original sobre o materialismo histórico. Löwy procura escapar de análises reducionistas e vulgares do marxismo, que tendem a associá-lo de forma mecânica ao determinismo economicista e ao evolucionismo positivista.

Mesmo fora do Brasil há mais de quarenta anos, o interesse de Michael Löwy pela América Latina permanece grande e pertinente aos problemas de um continente em desenvolvimento e mergulhado em lutas sociais. Exemplos claros dessa práxis social são trabalhos como *O marxismo na América Latina* (2006), em que nosso Autor discorre sobre a produção marxista durante todo o século XX, dos pioneiros Aníbal Ponce e José Carlos Mariátegui até a Teologia da Libertação e o Movimento sem terra. A questão da Teologia da Libertação, que Löwy chama de “cristianismo da libertação”, é analisada em detalhes num dos seus melhores livros, *A guerra dos deuses* (2000), onde o Autor examina a estreita relação entre política e religião e esboça uma aproximação – ou uma afinidade eletiva – entre marxismo e cristianismo. Pode-se citar também *Ecologia e socialismo* (2005), como uma temática atual e pouco abordada nos ciclos marxistas tradicionais, mas abordada por Löwy como “o grande desafio para uma renovação do pensamento marxista do século XXI”. O *ecossocialismo*, que teve em Chico Mendes seu precursor, permanece um tema à margem da luta de classes, mas que deveria ser uma bandeira partidária.

Uma análise geral da produção de Löwy, de forma sistematizada, permite traçar um fio condutor que interliga todo seu pensamento: o romantismo e a utopia<sup>1</sup>. Como típico representante do

<sup>1</sup> O termo utopia, do grego *u-topos*, significa originalmente “nenhum lugar”, o que ainda não existe, uma aspiração que está em contradição com o existente, com a ordem estabelecida. Todavia, “restringir ou até orientar o utópico ao modo de Tomás Morus seria como querer reduzir a eletricidade ao âmbar-amarelo, do qual ela recebeu o seu nome em grego e no qual ela foi percebida pela primeira vez” (BLOCH, 2005, p. 25). O conceito de utopia utilizado por Löwy difere das utopias meramente abstratas,

seu pensamento judaico e marxista, suas obras exprimem mais que uma visão heterodoxa da sociedade e das ciências humanas, elas evidenciam biograficamente o próprio autor e sua tentativa de escapar das armadilhas metodológicas como a ortodoxia e o pós-modernismo<sup>2</sup>. O pensamento pós-moderno caracteriza-se pela “morte dos centros” e pela incredulidade em relação às narrativas; em outras palavras, não há História, há histórias “de” e “para” os grupos em questão, conseqüentemente inexistente o caráter científico, objetivo e racional da ciência, sorrateiramente associado à literatura (CARDOSO, 1997). As “dúvidas” acerca da possibilidade do conhecimento objetivo ou da legitimidade da pesquisa são ignorados por Michael Löwy. Sem perder o método científico de vista ou o projeto iluminista de racionalidade, Löwy os articula coerentemente com as utopias e o romantismo; dito de outra forma, nosso Autor busca uma *alquimia* entre o material e o espiritual, onde os mitos, as tradições religiosas e as utopias são cuidadosamente articuladas, com rigor científico.

Um exemplo de caso que evidencia um distanciamento aos pós-modernos está no livro de coletâneas fotográficas de

trata-se do conceito consolidado por Ernst Bloch: utopias concretas.

<sup>2</sup> Tendência filosófica presente em Nietzsche e Heidegger, reelaborado por seus epígonos como Foucault, Deleuze, Derrida e Roland Barthes. Eric Hobsbawm é bastante sarcástico quando aos pressupostos pós-modernos. Em *Sobre História* (1998, p. 287), há uma passagem esclarecedora: “Quando uma pessoa inocente é acusada de assassinado e deseja provar sua inocência, aquilo de que se necessita não são as técnicas do teórico ‘pós-moderno’, mas as do antiquado historiador”. Para uma análise específica sobre o conceito bastante amplo e vago de “pós-modernismo”, ver Fredric Jameson (“Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio”) e David Harvey (“Condição pós-moderna”).

momentos revolucionários. Löwy (2010) cita Siegfried Kracauer, o teórico do cinema que tinha convicção de que a foto não permite conhecer o passado, mas somente “a configuração espacial de um instante”. No entanto, nosso Autor contrasta essa tese dos teóricos da percepção com a afirmação de que as fotografias captam o que nenhum texto escrito pode transmitir: certos rostos, gestos, situações, movimentos, permitindo que se constitua o espírito único e singular de cada revolução, sem que isso necessariamente substitua a historiografia.

### **Entre a ideologia e a utopia: um pensador dialético**

O clássico *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen* examina a relação entre visões sociais de mundo (ideológicas ou utópicas) e conhecimento, no domínio das ciências sociais, a partir de uma discussão crítica com as principais tentativas de elaboração de um modelo de objetividade científica que surgiram no seio do positivismo, do historicismo e do marxismo. A crítica à disfarçada ou deliberada tentativa de isenção ou imparcialidade, da ciência livre de julgamentos de valor ou de classe, sobretudo nos positivistas, mas também em Max Weber, quando este afirma que na esfera das ciências sociais, uma demonstração científica metódica que pretende ter atingido seu objetivo, deve poder ser reconhecida como exata “da mesma maneira por um chinês”, surge de forma erudita num diálogo entre a utopia e as ideologias, para que o método sociológico torne-se não menos ideológico, mas sim, mais cristalino e objetivo. A crítica tem um elemento bem humorado quando Löwy relaciona o “esforço de objetividade” da sociologia positivista, de Durkheim e

seus discípulos, como uma ilusão ou mistificação, com a anedota do Barão de Münchhausen. Este herói picaresco, tal como os positivistas, quando se vê atolado num pântano em que ele e seu cavalo estavam sendo tragados e sem a ajuda de ninguém, agarrou seus próprios cabelos e, por meio deles, puxou-se para cima, trazendo consigo seu cavalo entre as pernas. Com esta alegoria bem humorada, Löwy (1995, p. 32) conclui “que os que pretendem ser sinceramente seres objetivos, são simplesmente aqueles nos quais as pressuposições estão mais profundamente enraizadas”.

A metáfora ou alegoria com o Barão de Münchhausen evidencia a estreita subjetividade nas ciências humanas, mesmo sob a máscara da isenção e imparcialidade. As ideologias de classe estão presentes mesmo em autores que advogam a objetividade da “ciência pura”. O proletariado, todavia, segundo Löwy não necessita desse aparado ideológico para provar sua verdade. Uma citação de Ernst Bloch, o filósofo marxista das utopias, esperanças e sonhos acordados, em *Experimentum mundi*, esclarece:

Contrariamente a todas as classes que o precederam, o proletariado revolucionário não tem nenhum interesse em camuflar seus interesses de classe – isto é, em produzir ideologias. Ele quer antes suprimir todas as classes e, finalmente, suprimir a si próprio enquanto classe; assim não tem ele necessidade, diferentemente das classes anteriores, de uma ideologia que embeleze, mas, ao contrário, do olhar penetrante de um detetive. (...) O marxismo, por sua vez, alcançou um ponto de vista livre de ilusões por uma reflexão particularmente intensa da parcialidade que carrega o interesse à emancipação e que apenas esta parcialidade vermelha lhe permite

se libertar de todo obscurecimento por causa de preconceitos (*apud* LÖWY, 1995, p. 55).

Na conclusão de *As aventuras de Karl Marx*, Michael Löwy resgata uma metáfora de Rosa Luxemburgo e compara o cientista social ao pintor de uma paisagem, pois a pintura depende em primeiro lugar do que o artista pode ver, isto é, do observatório onde ele se acha inserido. Mas pondera e afirma que o observatório ou mirante é o ponto de vista de classe, e, quanto mais elevado, permite ampliar o horizonte e perceber a paisagem em toda a sua extensão. O observatório mais alto é, naturalmente, o ponto de vista do proletariado. Pois como na citação de Ernst Bloch, a verdade é para o proletariado uma arma indispensável a sua auto-emancipação, ao contrário da burguesia que tem necessidade de mentiras ou ilusões para manter seu poder, o proletariado tem necessidade de verdade...

“A verdade é sempre revolucionária”, a frase de Antonio Gramsci surgiu quase vinte anos antes, como epígrafe do livro *Método dialético e teoria política*, de 1978<sup>3</sup>. Esta obra é o prólogo, menos elaborado e sofisticado, de *As aventuras de Karl Marx*. No entanto, já no *grundrisse* (esboço) de 1978 a crítica à sociologia positivista como “uma simplicidade evangélica” fica explicitada. A tentativa epistemológica de assimilação da sociedade à natureza, da sociedade regida por leis naturais, invariáveis e independentes da vontade e da ação humana, “sob o impacto do marxismo, o mito positivista de uma ciência social neutra e assexuada como

<sup>3</sup> A dialética de Löwy, considerações sobre historicismo, positivismo, marxismo, etc., são descritos didaticamente no livro “Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista”, publicado pela editora Cortez (2010), em sua décima nona edição.

os anjos da teologia medieval foi severamente abalado” (LÖWY, 1978, p. 17).

Ainda no *Método dialético* de 1978, Löwy esboça uma aproximação entre Weber e Marx, com um subtítulo bem intitulado “notas críticas sobre um diálogo implícito”. O Autor cita algumas semelhanças entre Karl Marx e Max Weber e pergunta-se como explicar que a *Ética Protestante* seja tão frequentemente apresentada como a grande obra “anti-Marx” da sociologia moderna? A resposta é sarcástica e realista: “uma das razões é provavelmente a necessidade da imagem de um São Jorge acadêmico que esmague o dragão marxista” (p. 36). Esta relação aparentemente antitética é melhor analisada em *A guerra dos deuses* (2000), porém desde a década de 1970 Löwy busca a *síntese* entre a tese (Marx) e a antítese (Weber), entre o materialismo e o idealismo, a matéria e o espírito ou a ideia. Esta aproximação dialética pode ser melhor compreendida através do conceito de “afinidade eletiva”.

### A afinidade eletiva de Michael Löwy

Há um conceito sociológico consolidado por Max Weber, este “alquimista das ciências sociais” – como o definiu Michael Löwy – que permite uma melhor síntese entre uma análise crítica esboçada entre Marx (tese) e Weber (antítese), através de referenciais como Walter Benjamin e Ernst Bloch (síntese). É o conceito de “afinidade eletiva”. Löwy (1989) justifica o emprego do conceito criticando a sociologia pautada nas terminologias conceituais da física e da biologia, de inspiração comtiana. Propõe utilizar um campo semântico mais vasto, como das religiões, dos

mitos, da literatura e até das tradições esotéricas, pois “não tomou Max Weber o conceito de *carisma* da teologia cristã, e Mannheim o de ‘constelação’ da *astrologia* clássica?”

“Afinidade eletiva” é um tipo muito particular de relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais, não redutível à determinação causal direta ou a “influência” no sentido tradicional. Trata-se de uma analogia e um movimento de convergência, atração recíproca, de confluência ativa, de combinação capaz de chegar até a fusão. Michael Löwy (1989; 2000; 2008) tenta fundar um estatuto metodológico desse conceito, como instrumento de pesquisa interdisciplinar que permita tornar mais dinâmica a análise das relações de fenômenos econômicos, políticos, religiosos e culturais.

O termo tem origem no final da Idade Média como metáfora dos alquimistas para a atração natural entre metais. No final do século XVIII a terminologia química “atração eletiva” já aparece em alguns livros como “afinidade eletiva”. Conceito que Wolfgang Goethe tornará célebre num romance com o mesmo título. Para Goethe, existe afinidade eletiva quando dois seres ou elementos “buscam-se um ao outro, atraem-se, ligam-se um ao outro e a seguir ressurgem dessa união íntima numa forma (*Gestalt*) renovada e imprevista”. Com Goethe o termo passa do domínio das ciências naturais para a literatura; do vínculo entre metais para a estreita relação entre almas. Mas a apropriação do conceito para categoria sociológica viria somente com Max Weber, que Löwy (1989, p. 12) descreve como “grande alquimista da ciência social”.

Para caracterizar diferentes formas de modalidade religiosa e sua aproximação com relações específicas de economia,

Weber utiliza-se do termo “afinidade eletiva”. A brilhante análise que este sociólogo fez da Reforma Protestante difere-se de Marx não apenas quanto ao enfoque teórico idealista, em contraposição ao materialismo dialético de Marx. Weber jamais afirmou que o puritanismo ou a ética protestante tenham influenciado diretamente, ou determinado o surgimento da economia capitalista. Sua abordagem busca elucidar em que medida o movimento religioso, em consequência de suas *afinidades eletivas*, influenciou o desenvolvimento da cultura material. Nas palavras do próprio Weber (1983, p. 24-25), “o ascetismo e a devoção eclesiástica, de um lado, e a participação na vida industrial do capitalismo, do outro, possam vir a estruturar-se numa íntima relação de afinidade”.

A afinidade eletiva entre utopia libertária e religião, política e messianismo tende a chagar ao grau de fusão, teoricamente nas obras de Walter Benjamin, Ernst Bloch<sup>4</sup> e do jovem Lukács. A forma original em gestação, a figura inédita que se esboça nessa alquimia espiritual complexa na obra benjaminiana e blochiana, é a de uma nova concepção de história e de temporalidade que Michael Löwy, emprestando uma expressão de George Lukács, chamou de messianismo

<sup>4</sup> Para Ernst Bloch o conceito de revolução ou de movimentos sociais ainda está longe de ser puramente social ou político, ele conserva a carga ético-religiosa, milenarista dostoiévskiiana. Bloch cita *Os Irmãos Karamazov* onde Dostoiévski escrevia que o “socialismo é a Torre de Babel que se constrói para fazer o céu descer sobre a terra” e faz uma analogia entre Jó do Antigo Testamento - como sendo um Prometeu hebraico, defendendo energicamente o direito e a rebelião - e o personagem Ivan Karamazov: “Creio em Deus, mas recuso o seu mundo” (MUNSTER, 1993, p. 65).

histórico ou concepção romântico-messiânica da história. Oposta à concepção estritamente *quantitativa* da temporalidade, que percebe o movimento da história como um *continuum* de aperfeiçoamento constante, de evolução irreversível, da acumulação crescente, da modernização cujo motor reside no progresso científico, técnico e industrial, em suma como contraponto ao paradigma do progresso, o messianismo histórico ou concepção romântico-milenarista da história está em ruptura com essa filosofia do progresso e com o culto positivista do desenvolvimento científico e técnico. Propõe uma concepção *qualitativa*, não evolucionista do tempo histórico, na qual a volta ao passado representa o ponto de partida necessário para o salto em direção ao futuro, em oposição à visão linear, unidimensional, puramente quantitativa da temporalidade enquanto progresso cumulativo (LÖWY, 1989).

Com uma visão crítica da modernidade, da civilização industrial, o messianismo é incorporado como expressão milenar das esperanças, sonhos e aspirações dos párias e excluídos da história, como uma “tradição dos oprimidos”, utópica e subversiva, e como a fonte de uma visão descontínua da temporalidade. Contrariamente ao tempo dos relógios ou calendários, vazios e homogêneos, a tradição dos oprimidos está carregado e preenchido de “tempo atual” ou “o agora” que faz explodir o *continuum* da história, no qual há estilhaços do tempo messiânico, “pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias” (BENJAMIN, 1994, p. 232, Tese XVIII B).

Há um ensaio esboçado por Benjamin, sugestivamente intitulado “O capitalismo como religião”, que corrobora com a argumentação de

Löwy. “O capitalismo é uma religião de mero culto, sem dogma. O capitalismo desenvolveu-se no Ocidente de forma parasitária sobre o cristianismo – o que não se demonstra apenas com o exemplo do Calvinismo, mas também com o das outras orientações ortodoxas cristãs. De tal modo que a história do cristianismo se tornou essencialmente a do seu parasita, o capitalismo” (BENJAMIN, 2012, p. 37). Para Walter Benjamin, o capitalismo é um culto que não redime, mas deixa um sentimento de culpa, não visa a redenção, portanto. “É o fim da transcendência de Deus”, conclui.

Walter Benjamin nunca perdeu sua desesperada esperança na Revolução, apesar do pessimismo dos seus últimos escritos, mas redefiniu-a através de uma nova imagem alegórica, nas notas preparatórias para as Teses sobre o conceito de história, invertendo os lugares comuns da esquerda “progressista”: “Marx disse que as revoluções eram as locomotivas da história. Mas talvez elas sejam um pouco diferente. Talvez as revoluções sejam a mão da espécie humana que viaja nesse trem puxando os freios de emergência” (LÖWY, 2008, p. 213.<sup>5</sup>

Quanto a essa crítica de Benjamin, Michael Löwy (2005, p. 95) adverte que o vínculo entre a era messiânica e a sociedade sem classes não pode ser compreendido unicamente em termos de secularização, uma vez que o religioso e o político conservam, em Benjamin, uma relação de reversibilidade

<sup>5</sup> A mesma citação reaparece em outro trabalho de Löwy (2005, p. 93-94), com tradução ligeiramente modificada: “Marx havia dito que as revoluções são a locomotiva da história mundial. Mas talvez as coisas se apresentem de maneira completamente diferente. É possível que as revoluções sejam o ato, pela humanidade que viaja nesse trem, de puxar os freios de emergência”.

recíproca, de tradução mútua, que escapa a qualquer redução unilateral: “em um sistema de vasos comunicantes, o fluido está necessariamente presente em todos os ramais simultaneamente”.

Esta geração da intelectualidade judaica na Europa Central (Mitteleuropa) que sintetiza coerentemente romantismo e utopia, messianismo e política, com uma distinção, todavia, quanto à ortodoxia judaica. Em vez da Cabala as principais referências culturais desses autores estão relacionadas ao romantismo alemão. Em suma, há um sincretismo entre a cultura alemã e a tradição judaica. A geração romântica anticapitalista<sup>6</sup> constitui uma visão de mundo caracterizada por uma crítica mais ou menos radical da civilização industrial-burguesa em nome de valores sociais, culturais, éticos ou religiosos pré-capitalistas. Se o capitalismo é, segundo a expressão de Max Weber, o desencantamento de mundo, o romantismo anticapitalista deve ser considerado antes de tudo como uma tentativa nostálgica e desesperada de reencantamento do mundo, de que uma das dimensões essenciais era o retorno à religião, o renascimento das múltiplas formas de espiritualidade religiosa (LÖWY, 1989, p. 32). Tendem a escapar às distinções tradicionais entre religião e vida secular, sagrado e profano (Durkheim), natural e sobrenatural (Max Weber), transcendente e imanente (Eliade). O termo ateísmo-religioso – proposto por Lukács a propósito de Dostoievski –

<sup>6</sup> O romantismo não significa, ou não deve ser entendido como “reação política” (Chateaubriand) ou “medievalismo alemão patriótico”, nem como “escola literária”. O que o romantismo de Goethe, Schiller, Kant, Fichte e a Revolução Francesa têm em comum é que todos eles são antifilisteus, expressão que designa, na linguagem cultural do século XIX, a estreiteza, a mesquinha e a vulgaridade burguesas (LÖWY, 1989).

permite delimitar essa figura paradoxal e buscar o ponto de convergência messiânica entre o sagrado e o profano.

Dentre os principais nomes desta geração estão o jovem Lukács<sup>7</sup>, Theodor Adorno<sup>8</sup>, Walter Benjamin e Ernst Bloch. Mas são, em especial, os escritos de Benjamin e Bloch que, em conjunto, constituem o ponto mais radical de crítica à ideologia do progresso e onde a aproximação entre materialismo histórico e messianismo tende a chegar ao nível de fusão. Bloch e Lukács, na juventude foram assíduos participantes do Ciclo Max Weber de Heidelberg. Nesse período um epigrama bastante irônico e bem humorado resumia com perfeição a visão de mundo comum a eles: “como se chamam os quatro evangelistas? Mateus, Marcos, Lukács e Bloch”. A síntese teológica atrelada ao materialismo histórico nos jovens Bloch e Lukács levou-os a comparações literárias com o personagem Leon Naphta, de Thomas Mann. Em *A Montanha Mágica*, Naphta é descrito ao mesmo tempo como judeu e católico, jesuíta e comunista, revolucionário e reacionário. Com efeito, encontra-se em Bloch, exatamente como em Naphta, a

<sup>7</sup> Em obra sobre a evolução política de Lukács e os intelectuais revolucionários da primeira metade do século XX, Michael Löwy (1979) cita as memórias de Marianne Weber, a esposa de Max Weber, que descreve o jovem Lukács como “agitado por esperanças escatológicas na vinda de um novo Messias” e considerando “uma ordem social fundada na fraternidade como pré-requisito da Salvação”.

<sup>8</sup> Ainda que a tendência dominante de seu pensamento seja o racionalismo e a crítica do progresso, há alguns aspectos messiânicos e libertários, como na conclusão da *Minima Moralia*, quando Adorno proclama como Única tarefa do pensamento estabelecer “perspectivas nas quais o mundo seja deslocado, estranho, revelando suas fissuras e fraturas, tal como, indigente e deformado, aparecerá um dia à luz messiânica”. (LÖWY, 1989, p. 150).

associação judaísmo-catolicismo-comunismo e o personagem “ambíguo” aparece precisamente em 1922, logo após o lançamento do livro de Bloch, *Thomas Münzer, Teólogo da Revolução*. Numa preciosa entrevista concedida a Michael Löwy, em 1974, quase 50 anos após o início da polêmica literária, Bloch responde a questão se o personagem jesuíta e comunista criado por Thomas Mann foi inspirado nele ou em Lukács: “Creio que se parece com Lukács, [...] o partido Comunista foi para Lukács a realização de uma velha aspiração. Na mocidade, quis entrar para um mosteiro: o partido foi um substituto” (LÖWY, 1979). No entanto, numa outra entrevista, Bloch admite que “Naphta personifica, em certa medida, nós dois”.

Em *Redenção e Utopia* (1989, p. 11), Löwy admite que o estudo desses intelectuais judeus pouco ortodoxos representa também para seu autor, “judeu um tanto errante”, um reencontro com suas próprias raízes culturais e históricas.

### Considerações finais

Uma das características do complexo estilo de escrita alegórica de Walter Benjamin – certamente o autor que mais influenciou Michael Löwy – é que a metodologia aplicada a determinado ensaio, crítica ou tese ocorre simultaneamente e inerente ao objeto analisado.<sup>9</sup> Isso por vezes complica a compreensão da obra, por outras, no entanto, torna-se esclarecedor. Dito isto, pode-se traçar um paralelo entre o estilo

literário e a metodologia benjaminiana e algumas peculiaridades de Michael Löwy. No ensaio sobre *As afinidades eletivas de Goethe*, Benjamin distingue a função do crítico e do comentador. Enquanto a crítica busca o teor de verdade de uma obra, o comentário atinge apenas o seu teor factual, esta distinção fica evidente na brilhante alegoria de uma fogueira:

Se quiser-se contemplar a obra em expansão como uma fogueira em chamas vívidas, pode-se dizer então que o comentador se encontra diante dela como o químico, e o crítico semelhante ao alquimista. Onde para aquele apenas madeira e cinzas restam como objeto de sua análise, para este tão somente a própria chama preserva um enigma: o enigma daquilo que está vivo (BENJAMIN, 2009, pp. 13-14).

Michael Löwy é um crítico-alquimista nas ciências sociais. Ao criticar as terminologias e métodos tipicamente mecânicos e cientificistas – e este é o eixo que interliga toda sua produção intelectual – nosso autor consegue uma aproximação coerente entre as esferas do sagrado e da historiografia secularizada do século XIX. Sua formação marxista aliada à cultura judaica, somando-se ainda a influência de grandes intelectuais do século passado como Ernst Bloch, Walter Benjamin, George Lukács, Karl Mannheim, Martin Buber, Franz Rosenzweig, Gershon Scholem, entre outros, produziu um pensador notável que sobrepõe ao método científico a própria vida, a experiência, “o enigma daquilo que está vivo”.

“Escovar a história a contrapelo”, essa expressão consolidada por Walter Benjamin na sétima tese Sobre o conceito de história, seguramente foi apropriada por Löwy em sentido estrito. Toda sua produção está marcada por

<sup>9</sup> Um exemplo temático: no conjunto de aforismos intitulado “Rua de Mão Única”, Benjamin (1995, p. 61) interrompe o texto para expor seu estilo de citação: “Citações em meu trabalho são como salteadores no caminho, que irrompem armados e roubam ao passante a convicção”.

dirigir na contramão da história, e pelo fato de nadar contra a corrente Löwy está mais próximo de atingir a *fonte*, ao contrário daqueles que apenas deixam-se levar pelo cômodo e confortável sentido das ondas.

#### Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Ensaio Reunidos*: escritos sobre Goethe. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.

\_\_\_\_\_. *O capitalismo como religião*; [organização Michael Löwy]. São Paulo: Boitempo, 2013.

BLOCH, Ernst. *Thomas Munzer, o teólogo da revolução*. Tradução de Vamireh Chacon. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

\_\_\_\_\_. *O princípio esperança*. Tradução de Nélcio Schneider. Rio de Janeiro: Eduerj; Contraponto, 2005; 2006. (3 volumes).

CARDOSO, Ciro. F.; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*: ensaios sobre teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LÖWY, Michael. *Método dialético e teoria política*; tradução Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*: a evolução política de Lukács (1909-1929). São Paulo: Lech, 1979.

\_\_\_\_\_. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*: marxismo de positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_. *Redenção e utopia*: o judaísmo libertário na Europa Central: um estudo de afinidade eletiva. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *A guerra dos deuses*: religião e política na América Latina. Tradução de Vera Lucia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Walter Benjamin*: aviso de incêndio, uma leitura das teses sobre o conceito de História. Tradução de Wanda Nogueira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ecologia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Romantismo e messianismo*: ensaios sobre Georg Lukács e Walter Benjamin. Tradução de Myrian Veras Baptista. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ideologias e ciência social*: elementos para uma análise marxista. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. *A filosofia da história de Walter Benjamin*, IEA-USP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Eric Hobsbawm, o sociólogo do milenarismo campestre*. IEA-USP, 2010.

LÖWY, Michael (org.). *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. (org.) *O marxismo na América Latina*: Uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999. 2ª edição ampliada, 2006.

MUNSTER, Arno. *Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de Irene e Tomás Szmrecsánui. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

Recebido em 2014-04-22

Publicado em 2014-08-11